

Acerca do colonialismo cultural implícito na circulação da Literatura Infantil e Juvenil na América Latina¹

GRACIELA BIALET

*Todas las voces, todas
Todas las manos, todas
Toda la sangre puede ser canción en el viento.*

ARMANDO TEJADA GÓMEZ

DE COMO UM LEITOR FAZ-SE LEITOR EM SEU CONTEXTO

Para dar conta do processo de formação leitora, permito-me remontar minha própria experiência, porque é a vida em movimento que consegue dar conta das palavras que a constituem. Trato de pensar em como e quando me fascinei pela leitura e, antes de algum título clássico da literatura, o que vêm a minha mente são as ocasiões e circunstâncias em que ambos, os textos e a criança que fui, nos encontramos e nos apaixonamos.

Lembro-me do cheiro gasto daquele livro de dragões e princesas que o senhor Mimi me emprestava como uma alternativa aos manuais de aprendizagem das primeiras letras, maçantes, infestados de “vovô viu a uva” e “papai empina pipa na praia”. Também, daquelas ilustrações em preto e branco – de John Tenniel – da Alice no País das Maravilhas; eu gostava de vê-las de canto de olho e sentir o estômago apertar quando a pobre Alice ficava sozinha, como eu em minha cama, com o horripilante Grifo.

Ainda escuto as risadas de papai no banheiro, lendo piadas nas revistas *Seleções*² que, quando eu as roubava de sua gaveta, sempre achava que havia aberto a errada porque não encontrava nenhum motivo para risos... O emocionante encontro e o lugar de aventuras diante de cada leitura parecia ser o denominador comum.

Sem desmerecer as minhas professoras e a minha própria mãe, que incansavelmente lia a Bíblia para mim, acho que o que mais me seduziu nos livros não foi nem a variedade, nem sequer eles mesmos, mas sim a transgressão e as situações de cumplicidade e diversão que seus textos produziam nas pessoas que eu mais amava.

Intuí, aos 9 anos, que os contos eram os mais tentadores. Não sei como chegou as minhas mãos o primeiro livro que li de Maria Elena Walsh. Lembro-me de que estava na minha cama e quase morri de felicidade com “*La pla pla*”, mas, quando senti os passos da minha mãe pelo corredor, escondi o livro debaixo dos lençóis com medo de que ela o tirasse de mim, porque supus que, se era divertido, com certeza ler esse livro seria um pecado.

Claro, em princípio não me dava conta de que o que de fato me capturava era a leitura literária; o que fui descobrindo é que, quando alguém morde o anzol, já não se conforma com minhocas mirradas e procuram iscas que realmente valham a pena. Então come-

1 O presente texto é fruto da mesa-redonda “A circulação da literatura para crianças e jovens na América Latina / La circulación de la Literatura para niños y jóvenes en Latinoamérica”, organizada pelo Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, realizada a 17/10/2012, com a presença da autora deste artigo, da intelectual cubana Emilia Gallego Alfonso e da Prof^a. Ms. e doutoranda da UFF, Alba Valéria Cordeiro Ferreira.

2 Revista *Seleções Readers Digest*.

Dar a ler é um ato de amor, parafraseando Paulo Freire, que dizia que educar é um ato de amor e, portanto, um ato de valor e coragem. Quando se ama, atende-se ao outro, antecipa-se a seus desejos, entrega-se sem restrições.

ça a pesca: reconhecendo textos, autores, gêneros e lugares por onde circulam os livros e onde se possa encontrá-los. E esses lugares transformavam-se em espaços acessíveis, próprios, compatíveis. Amigáveis e legitimados pelo contexto de apropriação.

Aos poucos aprendemos o que os teóricos confirmam: que a leitura é reagente, uma ação de ida e volta para a mesma pessoa e daí para os outros, como define Pennac ao nomeá-la de processo de “ensimesmamento”. Ler literatura requer a cessão volitiva desse recinto interior do leitor, lugar pessoal onde se recebem outras pessoas em uma história, onde se pactuam alianças ficcionais com temas e personagens, onde se vive, goza e até sofre com seu próprio corpo, com a certeza de se reconhecer dominado pelo contexto que proporcionam as palavras, nomes, representações, entidades e identidades impressas no – e pelo – próprio contexto de vida, em um lugar e espaço determinados.

Através de uma rede de representações extremamente pessoais, ler literatura compromete integralmente uma pessoa: seu intelecto, suas emoções e também o seu físico. Vivem-se outras vidas, outros mundos... temos mais opções. Por isso, ao tentar propiciar leituras literárias, é importante considerar que o leitor, para constituir-se como tal, requer o respeito de uma estrutura psíquica particular e de um tecido social e emocional que dá sentido simbólico e contextual à leitura.

SOMENTE UM TECIDO SOCIAL DE PERTENCIMENTO DÁ SENTIDO SIMBÓLICO À LEITURA, À LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E À PROMOÇÃO LEITORA

Dar a ler é um ato de amor, parafraseando Paulo Freire, que dizia que educar é um ato de amor e, portanto, um ato de valor e coragem. Quando se ama, atende-se ao outro, antecipa-se a seus desejos, entrega-se sem restrições. Mas ninguém pode amar o que desconhece. Como amar vozes que não podem ser ouvidas, como admirar rostos invisíveis? Como desejar a literatura latino-americana que não vemos, que não circula, à qual não temos acesso?

Estar atento à percepção do outro, ser criativo na hora de interpretar momentos oportunos, gerar situações significativas e relevantes, estar generosamente disposto a preparar instâncias de encontros, são ações imprescindíveis para aproximar o leitor do livro que deseja ler, mesmo que ele não o saiba.

Os livros são generosos, mas não caminham, não chegam sós ao destino da companhia de viagens, dos banheiros, debaixo dos lençóis, da poltrona, da escola, do empréstimo na biblioteca... E, além disso, requerem uma aprendizagem de códigos arbitrários culturalmente preestabelecidos. Esse pressuposto, importante reforçar mil vezes, é um tabu para muitos e uma grade de exclusão para milhares, mesmo em nossa América Latina e em quase toda a face morosa do sul do planeta.

Igual ao amor, ler não é simples nem fácil, implica sacrifícios justificados e incomensuráveis momentos de prazer e paixão, mas disso sabem apenas aqueles que tiveram a possibilidade de elevar-se a cenários de encontros com textos desejáveis, e em especial com a leitura literária, das mãos de outro que solidariamente, como o Cupido, favorece um espaço de paixão entre leitores e palavras.

Como cada amor, cada leitura deixa marcas: dolorosas, doces, melancólicas, dilacerantes, superficiais, profundas. Marcas conscientes ou aquelas que se depositam no mais oculto dos nossos sentidos, contornando emoções inexploradas e saberes que estão a ponto de despertar. Esses conhecimentos sensíveis, de onde provêm? O que ou quem legitima a circulação de textos na América Latina? Que processos de aculturação se ativam quando, por exemplo, na Argentina de 1976 (ditadura), editaram-se somente 17 milhões de livros – dos 5 milhões que se produziam em 1970 – e, desses, somente 18% eram literários – em sua maioria, *best sellers* norte-americanos³?

Cabe perguntar, então: O que é necessário colocar em circulação para povos em busca de autonomia lerem? Que textos apresentam-se como

3 Romero, Francisco. *Culturicidio*. Historia de la educación argentina 1966-2004. (2005) 2. ed., Resistencia, Librería de la Paz.

Uma obra literária abriga pelo menos três afluentes de “ideias ideológicas”: as do autor que quis contar sua história; a do leitor que deu sentido à sua versão; e a do contexto onde a obra se reproduz ou aquele que a obra ativa.

oportunos em uma sociedade consumista, onde o individualismo e o mercado tentam impor-se sobre tudo o que não seja monetário e lucrativo? É oportuno que as pessoas leiam no marco das propostas de colonização cultural impulsionadas pelo imperialismo global? O que, em tal caso, é proposto como leitura? Será, por acaso, que os grandes *best sellers* sejam as autobiografias de “ricos e famosos”, os textos de autoajuda, e que os textos para jovens nos últimos anos girem em torno de modelos sociais de estrutura medieval (*Harry Potter*, *Nárnia*) ou de além-túmulo e obscurantismo, todas essas rentáveis marcas culturais da pós-modernidade neoconservadora?

COLONIZAÇÃO CULTURAL E TRANSPOSIÇÃO IDEOLÓGICA ATRAVÉS DA LEITURA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Em 2000, durante o 27º Congresso do IBBY (Conselho Internacional do Livro Infantil), em Cartagena, o filósofo colombiano Fernando Cruz Kronkly, em uma apocalíptica e não menos surpreendente palestra a qual chamou “¿Alegria o desgracia de la especie?”, sustentou que, apesar do doutrinamento moral – aplicado através da educação e com a literatura infantil como instrumento – com que se pretendeu canalizar eticamente as novas gerações, a humanidade não havia revelado progresso ético nenhum. E lançou uma ideia que me deixou consternada ao afirmar que, seguramente, os criminosos nazistas escutaram as mesmas canções de ninar e contos infantis de suas vítimas. Cito: “todos eles foram crianças e jovens muito bem educados para a ideia do bem e da ordem, mas na hora da guerra estiveram prontos e marcharam felizes em frente e morreram cheios de miséria e de piolhos, recaídos sobre a carniça de suas próprias vítimas”.

Não pude deixar de pensar que os genocidas mais horríveis da história da América do século XX talvez também tenham lido *Manuelita, la tortuga*, de María Elena Walsh, os pássaros que se aninham nas *Torres de Nuremberg* de José Sebastián Tallón, e/ou *Os doze trabalhos de Hércules* de Monteiro Lobato.

Essa ideia, quase um pesadelo, levou-me a continuar me questionando sobre as representações ideológicas que a arte e a literatura transmitem. Pensando no clássico conto da Cinderela, poder-se-ia recordar que ali as ideias rondam contrapondo a bondade e a maldade, o amor e o ódio, a pobreza e a riqueza, a beleza e a feiúra, a justiça e a injustiça. Todos esses valores conotados a partir de pautas sociais e culturais que nos parecem – mais ou menos – planejadas romanticamente constituem um cúmulo de “ideias ideológicas”⁴. A beleza só é loira e de olhos azuis? O príncipe era bonito porque era bom moço ou porque era muito trabalhador, como opinou uma menina da zona rural sulista? As filhas da madrasta tentavam calçar o sapato porque eram ambiciosas ou porque na lei da selva e do mercado vale tudo, como apregoam os gurus da globalização? O príncipe nas versões “mais Disney” é sempre azul por alguma conotação especial... o que há que nunca é negro... ou vermelho... ou com feição guarani?

Poder-se-ia dizer, então, que uma obra literária abriga pelo menos três afluentes de “ideias ideológicas”: as do autor que quis contar sua história; a do leitor que deu sentido à sua versão; e a do contexto onde a obra se reproduz ou aquele que a obra ativa. Vou concentrar-me nesse último aspecto: Onde a

4 Galeano, Eduardo. (1976) *Pájaros prohibidos de El libro de los abrazos*. Siglo XXI. España.

“Los presos políticos uruguayos no pueden hablar sin permiso, silbar, sonreír, cantar, caminar rápido, ni saludar a otro preso. Tampoco pueden dibujar ni recibir dibujos de mujeres embarazadas, parejas, mariposas, estrellas ni pájaros. Didoskó Pérez, maestro de escuela, torturado y preso “por tener ideas ideológicas”, recibe un domingo la visita de su hija Milay, de cinco años. La hija le trae un dibujo de pájaros. Los censores se lo rompen a la entrada de la cárcel. Al domingo siguiente, Milay le trae un dibujo de árboles. Los árboles no están prohibidos y el dibujo pasa. Didoskó le elogia la obra y le pregunta por los circulitos de colores que aparecen en las copas de los árboles, muchos pequeños círculos entre las ramas:

– ¿Son naranjas? ¿qué frutos son?

La niña lo hace callar:

– Sshhhhhh

Y en secreto le explica:

– Bobo ¿no ves que son los ojos? Los ojos de los pájaros que te traje a escondidas.”

A literatura opera com ideias, existe pelas ideias e, gostem ou não alguns, implica ideologia. Propaga as ideias de quem a escreve, as de quem a ressignifica ao lê-la e também a de seu contexto histórico e social.

obra literária se reproduz, onde circula; quem facilita e como se facilita o encontro do texto com seu leitor?

Onde circulam textos e leitores? Se pensarmos no mundo global, que globaliza a exclusão para a maioria da população mundial enquanto centraliza as riquezas para uns poucos⁵, poderemos nos lembrar de que, no caso do leitor infantojuvenil, é, sem dúvida, a escola – como elo primordial de educação e integração cívica – quem decide, em primeiro lugar, se gera cenários onde textos e leitores possam se encontrar (ou se enfrentar), e, em segundo lugar, com quem pode ou não se encontrar (ou se enfrentar), ou seja, é a escola que estabelece um cânone legitimador que acaba funcionando como um “verdadômetro” (ah! que seria da teoria se não se pudessem inventar palavras).

O cânone, termo que tanto sua procedência latina quanto a grega referem à “vara para medir ou regra”, impõe e determina os textos que um grupo destinatário pode ler – estudantes ou leitores-modelo ou arquetípicos prefigurados pela editora através de seu catálogo –, “canonizando” dentro desse contexto legitimador os textos, os autores e, portanto, as “ideias ideológicas” que sustenta como válidas para sua transmissão.

A escola decide se a literatura será ou não lida, e as editoras, através de suas propostas e planos editoriais, ainda decidem o que se lê. São decisões estéticas, éticas, orçamentais e também ideológicas. Caberia perguntar o que acontece na hora de se reconhecer a circulação limitada de Literatura Infantil e Juvenil latino-americana. Pretender revalorizar e priorizar nossas literaturas – sem deixar de lado as que já estão em circulação em outras latitudes – é pertinente? Pôr em igualdade de reconhecimento as produções regionais diante das internacionais é uma

5 Segundo a Universidad Francisco Marroquín, da Guatemala: “14% da população mundial vive no mundo desenvolvido e tem 73% dos rendimentos mundiais. Enquanto os países mais pobres têm 86% da população e só 27% dos rendimentos.” (Dados de junho de 2011). <http://centrodecapitalismo.wordpress.com/2011/06/23/una-grafica-de-la-riqueza-mundial/>

definição ideológica. Então caberia refletir sobre que diferenças há entre criar ideologias e estabelecer possíveis tentativas de se posicionar favoravelmente somente a esse ou àquele tipo de texto da Literatura Infantil e Juvenil. Ideologia ou doutrinação? Qual é o limite?

Convém lembrar que a palavra “ideologia” advém de *ideia*; que em suas acepções etimológicas se reconhecem os termos “aparência” e “opinião”. Por outro lado, *doutrina* fala da ação de ensinar conhecimentos adquiridos. Poderia afirmar então que, enquanto a palavra *ideia* implica a ação de reflexão e autogestão, a palavra *doutrina* conecta-se com a transmissão e reprodução de conceitos predeterminados.

A partir desse ângulo de interpretação, lembraremos em que aspectos a literatura não tem nada a ver com doutrinação. A literatura opera com ideias, existe pelas ideias e, gostem ou não alguns, implica ideologia (por isso os tiranos a odeiam e queimam). Propaga as ideias de quem a escreve, as de quem a ressignifica ao lê-la e, como dizem os formalistas russos, também a de seu contexto histórico e social, do que dá conta deixando marcas precisas e legíveis através do tempo.

Para doutrinar estão os textos que calam as verdadeiras felicidades, rostos, desgraças e glórias de nossos povos, de nossas perdas, entre elas a da identidade; os textos que até nos impuseram como válido o nosso idioma, que se ensina na escola sob a denominação disciplinar “Língua”, ser nomeado como castelhano ou português (no Brasil), nem se atrevendo a redefini-lo como “idioma argentino” ou brasileiro⁶... Legitimações culturais que atuam como processos de aculturação... Perder o nome do idioma é como perder o sobrenome, a família, as raízes de nossas palavras... Coisas da semiótica e da colonização cultural que modela subjetividades.

E também das ideias que nos impõem... Uma das maneiras de distinguir um texto literário de um que não é literário é precisamente pela ostentação

6 Em Belize, ainda que os idiomas predominantes sejam o espanhol e o crioulo belizenho, o idioma oficial é o inglês, que é a língua colonizadora materna de apenas 3% da população.

Alfabetizar literariamente é pôr ideias à disposição dos potenciais leitores. É dotar ideologicamente o jovem leitor de recursos para sua interpretação e construção de opiniões, para sua autonomia como pensador livre.

orgulhosa e generosa de seu conjunto de ideias artisticamente planejadas e que, por seu próprio caráter ideológico, não suporta atitudes de doutrinação.

Mas, cuidado, que do recorte literário escolar (ou editorial) ao nada em educação literária (entendendo-se a liberdade por cada um ser livre para ler o que quiser e se lhe der vontade), há um vazio que não é neutro nem inócuo. É um precipício carregado de NÃO ideias, de “não pensar demais”, de “não façamos nada”, do perigo que representa para alguns o fato de muitos pensarem de modos diferentes. Um vazio que outro carrega de silêncio para que disso não se fale. Um precipício. Outro cerco.

Alfabetizar literariamente é pôr ideias à disposição dos potenciais leitores. É dotar ideologicamente o jovem leitor de recursos para sua interpretação e construção de opiniões, para sua autonomia como pensador livre. Por isso, é possível sustentar que não foi um ato ingênuo que em quase todas as reformas educativas latino-americanas – em consonância com propostas “neo-globalizadas” – habilitaram reformulações curriculares nas quais foram desaparecendo os espaços disciplinares chamados anteriormente de “Literatura”, passando a ser incluídos na área de Língua, e, em muitas jurisdições, sendo submetidos a grande diminuição de sua carga horária.

Não oferecer uma variada literatura latino-americana é uma escolha que implica esvaziar de ideias divergentes os repertórios identitários a legitimar.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE CIRCULAÇÃO E DIFUSÃO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA ARGENTINA

*Cantando al sol como la cigarra
después de un año bajo la tierra,
igual que sobreviviente
que vuelve de la guerra.*

MARÍA ELENA WALSH⁷

Alguns escritores afirmam escrever para eles mesmos; outros pensam em um leitor modelo.

7 WALSH, M^a Elena (1972) *Como la cigarra*.

Os primeiros são como o mexicano Juan Rulfo, que queria ler a história de Pedro Páramo e, como não a encontrou em sua biblioteca, não viu outra solução a não ser escrevê-la. No que todos coincidem é que são leitores amantes, leitores obstinados, leitores seduzidos.

Os textos lidos vão se emaranhando dentro da pessoa e logo é muito difícil distinguir onde acaba um e começa outro, onde termina o que foi lido e começa outro que está sendo escrito. Como diz Giardinelli citando Borges, “cada leitura implica uma reescritura anterior; toda narração é narrada duas vezes, ou mais, e cada escrita é derivação de infinitas leituras”.⁸

Nós, que estamos em defesa da literatura como expressão artística, repetimos até cansar que a literatura não pode nem deve ser utilizada como instrumento de ensino de conteúdos escolares, nem de exercícios gramaticais – até já foi dito que a literatura “não serve para nada”. A literatura é realmente imprescindível, nem mais nem menos, para educar o pensamento, a reflexão, a sensibilidade, o treinamento de sair e entrar em si mesmo para reescrever com versão própria as ideias desse texto, e, a partir dessa concepção, então, afirmar com o carteiro de Neruda, o do filme baseado em *Ardente Paciência*, de Antonio Skármeta, que “a literatura não é de quem a escreve, mas de quem necessita dela”.

Gerar essa necessidade é o desafio de quem se interessa pela promoção da cultura leitora. Na Argentina não houve, durante as últimas três décadas do século XX, políticas públicas de promoção da leitura. Quando foi avaliado nesse período o fraco desenvolvimento das bibliotecas públicas, os pressupostos agonizantes, as reduções curriculares no tema da formação de leitores no sistema educativo, confirmou-se que houve, sim, o desenvolvimento de uma política, mas para formar NÃO leitores.

Nos anos da democracia dos anos de 1990, foram comprados livros em quantidades industriais (como o Plano Social Educativo, por exemplo), experiência

8 Ministerio de Educación Argentina / FMG (2004) *Leer X Leer* (Prólogo). Buenos Aires.

Os catálogos e os cânones circulantes permitem visualizar muito mais próxima a obra de literatura infantojuvenil de matriz saxã ou eurocêntrica, antes mesmo da nossa própria obra.

que terminou sendo um bom negócio editorial, mais que uma estratégia de desenvolvimento de cenários de leitura, basicamente pela falta de planejamento e controle na distribuição dos livros adquiridos.

Por sorte (e trabalho de muitos) sempre há exceções, e, como a cigarra que canta ao sol, esse vazio deu ensejo a diversas iniciativas que terminaram instalando na agenda pública governamental a temática da leitura.

Projetos com novas visões sobre os cânones circulantes são realizados desde 2004 com as coleções que o Estado provê gratuitamente a todos os estudantes de ensino médio das populações mais vulneráveis da Argentina. Como as coleções *Leer X Leer*, *Leer la Argentina*, *Leer para seguir creciendo*, *Leer agranda el alma*, *Leer es una pasión*, *Libro de lectura para el bicentenario* e uma dúzia mais editadas pela Eudeba, o Plano Nacional de Leituras e o Ministério de Educação da Nação Argentina, pensadas para que os jovens leiam ao menos uma página por dia. Esses livros foram organizados por escritores como Mempo Giardinelli, Angélica Gorodischer, Graciela Cabal, Perla Suez, Guillermo Martínez, Pablo de Santis, Ana M. Shúa, entre outros, com o desejo expresso de revisar, ampliar, atualizar e submeter à discussão os cânones autorais e temáticos que circulavam nas escolas, sem a pretensão autoritária de fixar a interpretação que deveria ou não se fazer das obras, fornecendo um pontual e colorido repertório literário de autores universais, mas especialmente de escritores de todas as províncias argentinas e da América, para que os jovens possam ler a aldeia e falar do mundo, o nosso, o mundo em que precisamos intervir para sentir que estamos no lugar que merecemos.

Redefinir novas possibilidades leitoras para uma Nação cujo projeto de dependência e colonização pedagógica e cultural regeu durante quase meio século a destruição do sistema educativo – porque um povo que lê, pensa e se pensa certamente defenderá seus direitos e seu patrimônio – é uma tarefa que compromete quem se importa em repensar o que é ler, da qual necessitamos e que queremos para que nossas crianças, nossos meninos e meninas, também leiam.

NOVOS ARES CIRCULAM PELA AMÉRICA LATINA

Sabemos que a movimentação de textos e autores de Literatura Infantil e Juvenil entre nossos países da América Latina não é fluida. Quantos autores e textos conhecemos dos países da Unasur? E da América Central e Caribe?

A falta de circulação desses bens culturais é eloquente. Editoras internacionais que escassamente movem títulos de seus próprios catálogos de um país a outro. Autores e edições regionais apenas conectados com países que lhes fazem fronteira impedidos de favorecer a socialização do conhecimento de suas obras.

Apesar das bondades e possibilidades (mesmo que onerosas) de aquisições e comunicações através da Internet, é muito mais simples conseguir um livro europeu que achar um paraguaio ou do Panamá. A colonização cultural que reina não só impõe e legitima conteúdos e estéticas, como também basicamente nos limita a nos reconhecermos a nós mesmos como um tecido cultural frutífero, com uma imensa produção de qualidade que ignoramos, porque os catálogos e os cânones circulantes permitem visualizar muito mais próxima a obra de literatura infantojuvenil de matriz saxã ou eurocêntrica, antes mesmo da nossa própria obra.

Precisamos escutar todas as vozes possíveis para sermos livres para escolher. Em 2011, em uma oportunidade de coordenar um livro de 300 resenhas hispano-americanas editada pelo Plano Nacional de Leitura Argentina⁹, cunsultei vários gerentes de editoras internacionais de Literatura Infantil e Juvenil que generosamente me fizeram chegar às mãos textos de diferentes latitudes americanas, não sem antes alguns deles me esclarecerem que não estavam dispostos a fazer circular esses textos de um país a outro. A liberdade de ler sempre está sujeita à proposta de quem edita e faz circular as obras, mesmo quando

9 <http://planlectura.educ.ar/pdf/300%20LIBROS%20IBEROAMERICANOS%20para%20niños%20y%20jóvenes.pdf>

É preciso avançar no processo de legitimação da maravilhosa produção de Literatura Infantil e Juvenil de nossos países latino-americanos, alertando e encorajando as editoras para a necessidade de maior intercâmbio de obras.

hoje a tecnologia permite tiragens pequenas, a baixos custos e em conformidade com a demanda.

É preciso avançar no processo de legitimação da maravilhosa produção de Literatura Infantil e Juvenil de nossos países latino-americanos, alertando e encorajando as editoras para a necessidade de maior intercâmbio de obras por toda hispano-américa.

Vêm-se realizando avanços na investigação e em ensaios: *Las palabras pueden*¹⁰, *De aquel lado del Atlántico*¹¹; *Historia de la Literatura Infantil en América Latina*¹²; *el Gran diccionario de autores latinoamericanos*¹³; os dois volumes *300 libros*¹⁴ e *300 libros iberoamericanos*¹⁵ anteriormente citados, ensaios que podem ser objeto de múltiplas buscas e leituras, por países, por biografias autorais, resenhas por temáticas abordadas, por idades dos possíveis leitores, pela estética de suas capas e ilustrações que revelam pistas americanas tantas vezes desvalorizadas por alguns circuitos de legitimação simbólica. Mesmo sendo recortes de informações, vão abrindo novos caminhos investigativos para entrarmos na busca de mais textos que revelem nossa essência ficcional americana, para que sigamos pulando as cercas que nos são impostas como muralhas, para compartilharmos, conhecermos a nós mesmos e socializarmos nossas criações. Para que cada leitura revele as pistas que não queremos que outros ventos levem.

Sim! Precisamos escutar todas as vozes – todas as vozes? Todas possíveis, para sermos livres para escolher. As ideias de liberdade são feitas de palavras e, por elas, a literatura justifica sua cota de existência.

*Aunque parezca absurda la inocencia
en el barro la nieve es siempre blanca;
de qué sirve plantar
la flor para cortarla,
la rosa se defiende con la espina
y nuestro porvenir con la esperanza.
Ay, amor...*

VÍCTOR JARA
(poeta chileno)

GRACIELA BIALET · Escritora e docente cordovesa. Comunicadora social, licenciada em Educação e Mestre em Promoção da Leitura e Literatura Infantil. Assessora de programas de leitura e de literatura para crianças e jovens na Hispano-América. Seus livros mais difundidos: *Los sapos de la memoria* (CB Edições); *Caracoleando* (Edebé); *Si tu signo no es Cáncer* e *El jamón del ságuiche* (Grupo Editorial Norma); *Gigante* (RHM Argentina/ Edebé Chile); *Neón, el perro reloj* (Anaya); *Epaminondas* (Alfaguara México) e *El que nada no se ahoga* (Comunicarte). Escritora argentina, autora de várias obras para jovens, como *Los sapos de la memoria*, *El jamón del ságuiche*, *Si tu signo no es cáncer*, entre outras.

Tradução Bruna Maria Silva Silvério. Mestranda em Estudos de Linguagem no programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na UFF.

10 UNICEF (2007) *Las palabras pueden: los escritores y la infancia*. Oficina Regional para América Latina y el Caribe, Panamá.

11 Yubero, Santiago e Cerrillo, Pedro (2009) *De aquel lado del Atlántico*. CEPLI, Unv. Castilla La Mancha, España.

12 Muñoz, Manuel (2009) *Historia de la Literatura Infantil en América Latina* Peña. SM, Colombia.

13 García Padrino, Jaime, coord. (2010) *Gran diccionario de autores latinoamericanos*. SM, Madrid.

14 Plan Nacional de Lectura / ALIJA (2011) *300 libros recomendados para leer en las escuelas-1*. Ministerio de Educación, Argentina.

15 Plan Nacional de Lectura / Coord. Bialeto, Graciela (2011) *300 libros Iberoamericanos para niños y jóvenes*, recomendados por el Plan Nacional de Lectura-2. Ministerio de Educación, Argentina.